

Recebido em: 08/06/2022

Aprovado em: 21/06/2023

Publicado em: 17/10/2023

## REALIDADE PSICOLÓGICA E PERSONALIDADE EM BERGSON<sup>1</sup>

### PSYCHOLOGICAL REALITY AND PERSONALITY IN BERGSON

Yago Antonio de Oliveira Morais<sup>2</sup>  
([yagomorais@estudante.ufscar.br](mailto:yagomorais@estudante.ufscar.br))

**Resumo:** Trata-se de analisar alguns aspectos da teoria da personalidade em Bergson. Tal teoria, que foi sendo consolidada desde seus primeiros escritos, considera a realidade psicológica como elemento fundamental para pensar a personalidade humana. Ao levar em conta tal realidade à luz da duração, reformulando a concepção de consciência e repensando a memória, Bergson manteve um diálogo com a psicologia científica, por vezes num tom crítico. Pretendemos analisar alguns aspectos da psicologia experimental de Ribot, psicólogo que também se dedicou ao tema da personalidade e a filosofia de Bergson.

**Palavras-chave:** Personalidade. Consciência. Duração. Interioridade.

**Abstract:** The aim is to analyze some aspects of Bergson's theory of personality. This theory, which was gradually consolidated since his first writings, considers psychological reality as a fundamental element to reflect on human personality. In considering such reality in the light of duration, reformulating the conception of consciousness and rethinking memory, Bergson held a dialogue with scientific psychology, sometimes in a critical vein. Our goal is also to highlight some aspects of Ribot's experimental psychology, who also devoted himself to the theme of personality, and Bergson's philosophy.

**Key-words:** Personality. Consciousness. Duration. Interiority.

## 1 BERGSON, CRÍTICO DA PSICOLOGIA

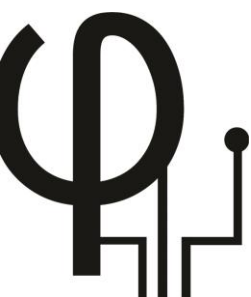
Henri Bergson foi um crítico do modelo explicativo da psicologia científica. Desde seus primeiros trabalhos, o *Essai sur les données immédiates de la conscience* e *Matière et mémoire*, Bergson busca repensar e reformular a maneira pela qual essa disciplina concebe a consciência, sugerindo uma teoria psicológica que possa adequadamente compreendê-la. Trata-se de criticar posições que, na maioria das vezes, utilizam métodos oriundos das ciências naturais, exigindo

<sup>1</sup> O presente trabalho contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Processo número: 2020/08740-7.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Mestre e Graduado em Filosofia pela mesma Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1044336507892154>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9317-7598>.



que os fenômenos psicológicos sejam assimilados aos fenômenos exteriores e/ou fisiológicos, o que, na visão do filósofo, configura um equívoco e um obstáculo a ser superado, já que tais fenômenos são insuficientes para explicar o funcionamento da vida psicológica e, respectivamente, da personalidade. A crítica bergsoniana à psicologia consiste justamente em apontar a insuficiência de argumentos científicos que são pautados pela objetividade, pois não são capazes de descrever a dimensão própria da pessoa humana, realidade que parece escapar aos procedimentos científicos. O trabalho do filósofo também se estabelece a partir de uma crítica à inteligência e à linguagem, buscando justificar, ao mesmo tempo, que a metafísica é a via mais adequada para dar conta de regiões da experiência que escapam às análises objetivas.

De acordo com Bergson, há “[...] uma realidade ao menos que podemos conhecer por dentro, por intuição e não pela mera análise. É a nossa própria pessoa em seu escoamento através do tempo. É nosso eu que dura” (BERGSON, 2018a, p. 182, tradução nossa)<sup>3</sup>. É a partir da reconsideração da realidade psicológica, proposta sobretudo nos dois primeiros livros de Bergson, que se configura uma teoria da personalidade<sup>4</sup>. Com o intuito de alcançar uma descrição mais fiel dos estados de consciência, assim como da personalidade, Bergson busca revisar os procedimentos da psicologia científica, apontando seus limites e alcance. Em obras como o *Essai*, que data de 1889, fica evidente que a tentativa de decompor os fatos humanos mais essenciais - os fatos de consciência - num plano objetivo, reduzindo-os a um esquema de justaposição no espaço, só poderá resultar numa má descrição da consciência e de seus estados, implicando igualmente na apreensão equivocada de alguns elementos da personalidade, como, por exemplo, sensações, ideias e emoções. Já em *Matière et mémoire*, é o reducionismo do mental ao corporal que aparece como problemático para a apreensão adequada da personalidade. Mesmo que o filósofo reconheça o corpo como elemento fundamental para pensá-la, suas principais propriedades parecem ir além da dimensão física.

Parece apropriado afirmar que Bergson também faz psicologia, embora deva ser considerada em alguns aspectos diferente daquela praticada pelos psicólogos do século XIX, tal como Théodule Ribot. Considerado um dos principais nomes da psicologia experimental francesa sem nunca ter realizado um experimento em laboratório, Ribot foi responsável por

<sup>3</sup> “Il y a une réalité au moins que nous saisissons tous du dedans, par intuition et non par simple analyse. C’est notre propre personne dans son écoulement à travers le temps. C’est notre moi qui dure”.

<sup>4</sup> Camille Riquier, em uma obra sobre Bergson, constata que a noção de personalidade não recebe nenhuma definição categórica em nenhum dos livros de Bergson, embora seja possível vê-la aparecer progressivamente em cada um, junto de outras questões, como a liberdade e a causalidade. Cf. RIQUIER, C. *Archéologie de Bergson: temps et métaphysique*. PUF: Paris, 2009, pp. 450-451.

defender a independência da psicologia em relação à filosofia. Conforme observa Vincent Guillin:

Incapaz de contribuir diretamente para o avanço da ciência por não ser um experimentalista, Ribot, no entanto, desempenhou um papel significativo em sua difusão e promoção no mundo acadêmico, especialmente por apresentar em seus livros as últimas conquistas da psicologia científica” (GUILLIN, 2004, p. 165, tradução nossa)<sup>5</sup>.

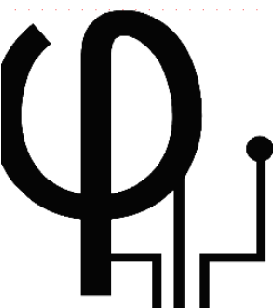
Para Wilson Frezzatti Jr., Ribot deseja “[...] produzir uma psicologia científica, experimental e fisiológica, contraposta a uma psicologia filosófica e metafísica” (FREZZATTI JR., 2020, p. 19)<sup>6</sup>. De acordo com Ribot, a psicologia metafísica, enquanto tributária do método de investigação introspectivo, seria afastada dos fatos empíricos, elementos cruciais para uma psicologia que se queira científica. Isto é, para que uma psicologia possa ser científica deve-se negar as especulações metafísicas e, no lugar, privilegiar os experimentos científicos, tornando-os a principal fonte da psicologia. Amparado pela fisiologia, Ribot também recusa completamente a irreduzibilidade do biológico ao psicológico e alvitra que a psicologia deve ser fundamentalmente uma *psicofisiologia*. Se, por exemplo, para Descartes, filósofo do *cogito*, o ponto de partida é que podemos conhecer melhor nosso pensamento do que nosso próprio corpo<sup>7</sup>, ao contrário, para Ribot o ponto de partida consiste no seguinte princípio: “[...] qualquer estado psicológico está ligado a um ou mais eventos físicos, dos quais estamos bem cientes em muitos casos, mas pouco ou mal, em outros” (RIBOT, 1879, p. XI, tradução nossa)<sup>8</sup>. Isto significa dizer que através do corpo também podemos obter uma certeza, visto que há uma correspondência entre o físico e o psicológico que é observável. Portanto, para a psicologia de Ribot, não se trata mais de aderir à metafísica antiga e seu arcabouço teórico, mas de assumir uma psicologia experimental que sob o princípio da psicofisiologia pode ser capaz de apreender

<sup>5</sup> “Unable to contribute directly to the advancement of science because he was not an experimentalist, Ribot nevertheless played a significant role in its diffusion and promotion within the academic world, especially by presenting in his books the latest achievements of scientific psychology”.

<sup>6</sup> Na introdução de um texto de 1870, *La psychologie anglaise contemporaine*, Ribot comenta sobre as características da filosofia ligada à metafísica, seu campo de investigação, destacando que a ela cabe o estudo de Deus e, portanto, das causas primeiras. A referência que Ribot possui de uma psicologia filosófica, na verdade, refere-se mais especificamente à psicologia oriunda da escola espiritualista e eclética, cujo principal nome é o de Victor Cousin. Cf. RIBOT, T. *La psychologie anglaise contemporaine*. Paris: Ladrance, 1870.

<sup>7</sup> Sobre esse modo de proceder, Canguilhem comenta alguns pontos importantes. Para tanto, cf. CANGUILHEM, G. O que é a psicologia? In: *Revista Impulso*, Piracicaba, v.11, n. 26, p. 11-26, 1999, p.17.

<sup>8</sup> “[...] tout état psychique déterminé est lié à un ou plusieurs évènements physiques déterminés que nous connaissons bien dans beaucoup de cas, peu ou mal dans les autres”.



a personalidade humana e suas patologias, as quais são compreendidas do ponto de vista da causa orgânica.

Bergson, por sua vez, soube reconhecer os limites de uma psicologia fundamentada em experimentos comprovados objetivamente e que, por isso, não seria capaz de apreender a personalidade em sua totalidade. Para o filósofo, a psicologia deve ser pensada conjuntamente com uma metafísica renovada, cuja capacidade consiste em ultrapassar o conhecimento relativo que só vê pontos de vista, uma vez que se coloca diretamente na realidade em que se pretende conhecer, entrando em contato direto com ela. Em relação à personalidade, a metafísica, via escolhida por Bergson, é um conhecimento que pode “[...] apreendê-la fora de toda expressão, tradução ou representação simbólica” (BERGSON, 2018a, pp. 181-182, tradução nossa)<sup>9</sup>. Ou seja, trata-se de resgatar a metafísica para o campo de investigações da psicologia para propor e considerar um outro tipo de psicologia, com um alcance maior, que seja capaz de dar conta da pessoa humana para além de seu corpo, em sua dimensão profunda e interior.

Para tanto, Bergson propõe a intuição como o método da metafísica<sup>10</sup>, uma via que oferece um “[...] conhecimento que supera, no que diz respeito a determinados objetos, a lacuna entre o nosso conhecimento e a realidade” (WORMS, 2000, p. 44, tradução nossa)<sup>11</sup>. Em *Introduction à la métaphysique*, entende-se por intuição a “[...] simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte, de inexprimível” (BERGSON, 2018a, p. 181, tradução nossa)<sup>12</sup>. Para o filósofo, a intuição é a via mais adequada para apreender a personalidade, porque conhecê-la através dela significa que seu conhecimento não permanece na superfície, distante de sua interioridade e profundidade. Trata-se de uma situação em que há coincidência com aquilo que costuma escapar ao intelecto. A intuição conhece seu objeto diretamente, sem qualquer mediação, consolidando-se como uma relação que manifesta sua verdade, e por isso ela é diferente do conhecimento fisiológico e/ou intelectual. Este, por sua vez, fixa e imobiliza o real entendido como movente, transforma e desnaturaliza as principais características da personalidade – *heterogeneidade* e *continuidade* – através de esquemas da inteligência, esquemas espaciais. Conforme sublinha Micheline Tison-Braun (1981), a concepção de interioridade proposta por Bergson, a qual nos remete à noção de personalidade, pode ser

<sup>9</sup> “[...] saisir en dehors de toute expression, traduction ou représentation symbolique”.

<sup>10</sup> Sobre a intuição como método, cf. DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>11</sup> “[...] connaissance qui surmonte, quant à des objets déterminés, l'écart entre notre connaissance et la réalité”.

<sup>12</sup> “[...] sympathie par laquelle on se transporte à l'intérieur d'un objet pour coïncider avec ce qu'il a d'unique et par conséquent d'inexprimable”.

considerada uma espécie de escândalo ao intelecto que sempre busca fixar e imobilizar a realidade.

Tal ponto, por si só, já bastaria para demarcar uma diferença entre Bergson, que defende uma realidade interna como continuidade de mudança, e as teses assumidas por Ribot, as quais declaram a interioridade como algo obscuro, sendo, por vezes, dispensável para a investigação da psicologia psicofisiológica. Em Bergson, a consideração sobre a interioridade está intimamente relacionada à compreensão da noção de personalidade. A intuição mostra que a vida interior, no que lhe concerne, vai muito além de suas condições orgânicas e, por isso, a elaboração de uma teoria da personalidade exige o auxílio da metafísica, conhecimento capaz de mostrar os problemas da generalização no âmbito do humano. Em psicólogos como Ribot, a observação da dimensão corpórea, base física da personalidade, ganha mais notoriedade, uma vez que as condições orgânicas correspondem ao ponto de partida para sua explicitação. Para conhecer a personalidade a partir do exterior é “[...] necessário analisá-la, e a análise aqui é inevitavelmente artificial, pois separa grupos de fenômenos que não são justapostos, mas coordenados, cuja relação não é de simples simultaneidades, mas de dependência recíproca” (RIBOT, 2020, p. 55). Conforme esse modelo de investigação, a metafísica não seria capaz de dar conta de apreender a personalidade, o que somente a psicofisiologia parece ser capaz de fazer.:

Na linguagem psicológica, entende-se geralmente por “pessoa” o indivíduo que tem uma consciência clara de si mesmo e que age em consequência disso: é a forma mais elevada de individualidade. Para explicar essa característica que ela reserva exclusivamente ao homem, a psicologia metafísica se satisfaz em supor um eu perfeitamente uno, simples e idêntico. Infelizmente, essa suposição é apenas uma solução aparente e tem uma falsa clareza. A menos que se conceda a esse eu uma origem sobrenatural, é necessário explicar como ele surge e de qual forma inferior ele emerge. Por isso, a psicologia experimental não pode colocar o problema da mesma maneira que a psicologia metafísica, nem tratá-lo com o mesmo método (RIBOT, 2020, p. 53).

Ao contrário, Bergson compreende que a personalidade vai além de sua base física, uma vez que ela se relaciona com uma consciência que somente a metafísica é capaz de descrever e apreender corretamente<sup>13</sup>. Segundo sua visão, é necessário propor uma psicologia dinâmica que ultrapasse as observações científicas e se dirija ao domínio profundo de uma realidade inefável, absoluta e em constante mudança, que só pode ser apreendida pela intuição. No texto *La*

<sup>13</sup> A metafísica de Bergson não é distante dos fatos, de modo que sua obra foi até caracterizada por Deleuze como um “empirismo radical”, o qual reconhece a experiência como central.

*Perception du Changement*, essa tese fica evidente, uma vez que a personalidade é apresentada como sinônimo de uma realidade compreendida como *durée*.

## 2 BERGSON, RIBOT E A QUESTÃO DA PERSONALIDADE

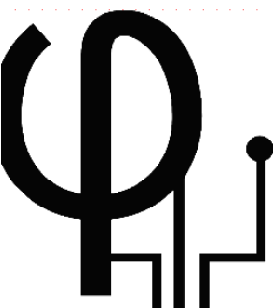
Nas conferências de Edimburgo sobre a personalidade, Bergson a considera sobretudo do ponto de vista de uma consciência que se direciona para o interior de si mesma, movimento que já podia ser visto no *Essai*, livro em que o filósofo propõe que a consciência se isole do mundo exterior e “[...] por um vigoroso esforço de abstração, volte a ser ela mesma” (BERGSON, 2018, p. 67, tradução nossa)<sup>14</sup>. Nessa obra, seu esforço consiste em pensar a consciência isolada da exterioridade, isto é, sem qualquer relação com o espaço. Há um mergulho na interioridade que constitui uma etapa fundamental para sua teoria da personalidade, uma vez que a redefinição da natureza da consciência anuncia uma primeira consideração sobre a pessoa humana. Ao voltar-se para o interior, Bergson encontra os estados subjetivos que formam o conteúdo de nossa personalidade, denominados *estados afetivos*: os sentimentos, as paixões, ou simplesmente os gostos, preferências e inclinações<sup>15</sup>.

Na primeira ordem desses estados, há as sensações orgânicas, isto é, aquelas que correspondem ao “[...] conhecimento intuitivo que temos do nosso corpo” (BERGSON, 1992, p. 285, tradução nossa)<sup>16</sup>. Essas, segundo Bergson, constituem aquilo que Ribot chamou de “base física da personalidade” e são entendidas como sensações “[...] ligadas à respiração, ao sentimento de bem-estar produzido por um ar puro, ao sufocamento em um ar confinado; aquelas que vêm do trato alimentar; outras, mais gerais ainda, ligadas ao estado de nutrição” (RIBOT, 2020, p. 73). Desse modo, em *Les maladies de la personnalité*, considera-se que é “[...] nos fenômenos mais elementares da vida que é necessário buscar os elementos da personalidade: são esses fenômenos que dão a ela sua marca própria, seu caráter” (RIBOT, 2020, p. 69). As condições orgânicas, do ponto de vista de Ribot, parecem ser o ponto de partida para a compreensão da personalidade. Em seu livro intitulado *La psychologie des sentiments*, especificamente no capítulo sobre o “caráter normal”, o psicólogo defende que a psicologia ordinária opera por generalidades e, ao tentar explicar o homem, ou melhor, a personalidade,

<sup>14</sup> “[...] par un vigoureux effort d'abstraction, de redevenir elle-même”.

<sup>15</sup> Cf. BERGSON, H. *Cours, tome II, Leçons d'esthétique. Leçons de morale. Leçons de psychologie et métaphysique*. Paris: PUF, 1992, p. 285.

<sup>16</sup> “[...] la connaissance intuitive que nous avons de notre corps”.



parte de uma suposição que vê em cada pessoa “[...] instintos, hábitos, fenômenos intelectuais, afetivos, voluntários” (RIBOT, 1896, p. 371, tradução nossa)<sup>17</sup>. Se a personalidade humana parece ser constituída por tais elementos, segundo a generalidade da psicologia, o que importa para a psicologia de Ribot, na verdade, é saber em “[...] quais proporções esses elementos se combinam entre si para formar as diversas individualidades psicológicas?” (RIBOT, 1896, p. 371, tradução nossa)<sup>18</sup>.

A análise das individualidades psicológicas feita por Ribot insere-se na tentativa de compreender os diferentes tipos de individualidades, ou seja, o modo pelo qual elas são constituídas e o que as caracteriza de fato. Ribot relaciona as individualidades psicológicas à noção de caráter, de modo que um de seus objetivos é estabelecer uma classificação, bem como as marcas essenciais, e delimitar aquilo que constitui um “verdadeiro caráter”. Sendo assim, um dos elementos principais que compõem o caráter, um elemento “primitivo”, por assim dizer, são justamente os estados afetivos, os quais também são entendidos como manifestações psíquicas. Ao analisá-los, Ribot considera que eles formam uma “camada profunda”, diferentemente dos elementos intelectuais, os quais seriam secundários na formação do caráter. Psicologicamente, Ribot defende que a vida afetiva precede a vida intelectual, ou seja, o “sentir” e o “agir” são anteriores ao “pensar”, o que implica considerar que há elementos primitivos na formação do nosso caráter. Nas palavras do psicólogo, o caráter “[...] expressando o indivíduo naquilo que ele tem de mais íntimo, só pode ser composto de elementos essencialmente subjetivos e não é nas qualidades intelectuais que devemos procurá-los” (RIBOT, 1896, p. 382, tradução nossa)<sup>19</sup>. Ao passo que o caráter é definido dessa maneira, poderíamos perguntar: em que medida as condições orgânicas da personalidade se relacionam com ele?

Embora Ribot considere que o caráter esteja permeado por elementos subjetivos, é importante notar que ele “[...] tem suas raízes no inconsciente, o que equivale a dizer que está enraizado no organismo individual” (RIBOT, 1896, p. 382, tradução nossa)<sup>20</sup>. Portanto, a análise descritiva dos diferentes tipos de caráter não pode ser pensada isoladamente da atmosfera fisiológica que permeia sua psicologia. Tanto a personalidade quanto o caráter devem ser considerados sob o aspecto fisiológico, sendo as condições orgânicas a base de ambos. Em outras palavras, quando Ribot afirma que o caráter está enraizado no organismo, isso implica

<sup>17</sup> “[...] des instincts, des habitudes, des phénomènes intellectuels, affectifs, volontaires”.

<sup>18</sup> “[...] quelles proportions ces éléments se combinent-ils pour constituer les diverses individualités psychologiques?”.

<sup>19</sup> “[...] exprimant l'individu dans ce qu'il a de plus intime, ne peut se composer que d'éléments essentiellement subjectifs et ce n'est pas dans les qualités intellectuelles qu'il faut les chercher”.

<sup>20</sup> “[...] plonge ses racines dans l'inconscient, ce qui veut dire dans l'organisme individuel”.

que seus elementos subjetivos possuem uma "forma material". Num texto de 1895, o psicólogo escreveu o seguinte:

O organismo e o cérebro, sua representação suprema, são a personalidade real, que contém os vestígios de tudo o que fomos e as possibilidades de tudo o que seremos. O caráter individual inteiro está inscrito aí com suas aptidões ativas e passivas, suas simpatias e antipatias, seu gênio, seu talento ou sua tolice, suas virtudes e seus vícios, seu torpor ou sua atividade (RIBOT, 2020, p. 185).

A passagem acima sugere que o caráter se encontra no organismo vivo, confirmando, assim, a predominância da tese fisiológica de Ribot. Os elementos que constituem o caráter, quais sejam, desejos, sentimentos e paixões, também têm suas raízes no organismo. Em suma, a teoria proposta por Ribot consiste em defender que o indivíduo psíquico é expressão do organismo.

Ao contrário, a posição de Bergson assume que a personalidade não deve ser explicada única e exclusivamente do ponto de vista de suas condições orgânicas, porque o corpo, na concepção do filósofo, não possui a capacidade de engendrar a consciência. Parte-se da ideia de que o corpo é veículo necessário para atualizar as experiências passadas, embora ele não possa ser reduzido ao âmbito espiritual. Nas conferências de Edimburgo, de 1914, lê-se que a ideia de uma consciência que tenha sua origem no corpo “[...] é puramente metafísica, e suas origens não são experimentais, como muitas vezes se tem pensado” (BERGSON, 1972, p. 1068, tradução nossa)<sup>21</sup>. Bergson vê como problemática a tentativa de reduzir o psicológico ao corpo, ao cérebro, indo contra o princípio fisiológico defendido pela psicologia de Ribot, bem como contra boa parte dos filósofos da modernidade que acreditavam em tal equivalência. Na comunicação de 1904, intitulada *O cérebro e o pensamento: uma ilusão filosófica*, Bergson afirma que: “A ideia de uma equivalência entre o estado psíquico e o estado cerebral correspondente permeia boa parte da filosofia moderna” (BERGSON, 2009, p. 191). O filósofo já era contra tal equivalência, por exemplo, desde a publicação do *Essai*, cujas teses são contra o prolongamento do determinismo ao domínio da consciência. Segundo as considerações do terceiro capítulo desse livro, o determinismo psicológico reivindica uma equivalência entre os processos psicológicos e os processos corporais, comumente chamado de “paralelismo mente e corpo”. *Matière et mémoire*, texto que pretende dar uma resposta mais aprofundada e elaborada ao problema do dualismo ontológico, repensa dois domínios da experiência, consciência e corpo, de modo totalmente original, alegando principalmente que o corpo é somente um

<sup>21</sup> “[...] is purely metaphysical, and the origins of which are not at all, as is sometimes thought, experimental”.



veículo de ação, incapaz de engendrar representações e, portanto, consciência. Sendo assim, as elaborações sobre a personalidade, segundo a filosofia bergsoniana, não podem reduzir o âmbito corporal ao âmbito psicológico, confundindo, assim, duas instâncias que se relacionam de uma maneira *sui generis*.

Para Ribot, a vida consciente está ligada à atividade do sistema nervoso, sendo que para ele a atividade nervosa “[...] é muito mais ampla que a atividade psíquica: a consciência, portanto, é algo sobreveniente” (RIBOT, 2020, p. 57). A relação psicofisiológica, segundo Bergson, revela-se muito mais complexa e sutil do que comumente pensamos. Para ele, a vida consciente está ligada ao corpo, o que significa dizer que há uma solidariedade entre ambos, embora tal relação não implique uma redução de um ao outro. Em uma conferência de 1912, intitulada *L'âme et le corps*, o filósofo argumenta o seguinte:

Uma peça de roupa está ligada ao prego ao qual está pendurada; ela cai se o prego for arrancado; ela oscila se o prego se mover; ela se rasga, se a cabeça do prego for muito pontiaguda. No entanto, não se segue que cada detalhe do prego corresponda a um detalhe da roupa, nem que o prego seja equivalente à roupa; muito menos se segue que o prego e a roupa sejam a mesma coisa. Assim como a consciência está incontestavelmente ligada a um cérebro, mas isso não implica que o cérebro desenhe todos os detalhes da consciência, nem que a consciência seja uma função do cérebro. Tudo o que a observação, a experiência e, portanto, a ciência nos permitem afirmar é a existência de uma certa *relação* entre o cérebro e a consciência (BERGSON, 2011, pp. 08-09, tradução nossa)<sup>22</sup>.

De acordo com Bergson, é preciso considerar o “[...] fato cerebral por um apêndice do fato mental, cumprindo então o cérebro a função de traduzir em movimentos ou, por assim dizer, em *gestos* aquilo que ocorre no espírito” (BERGSON, 1972, p. 1069, tradução nossa)<sup>23</sup>. O cérebro é capaz de traduzir em movimentos o que ocorre no espírito porque Bergson o entende como uma espécie de central telefônica, cuja especificidade consiste em efetuar a comunicação de um estímulo recebido a um órgão apto a recebê-lo e transformá-lo em ação. Nesse sentido, o sistema nervoso só pode “[...] receber excitações, montar aparelhos motores e apresentar o maior número possível desses aparelhos a uma excitação dada.” (BERGSON,

<sup>22</sup> “Un vêtement est solidaire du clou auquel il est accroché ; il tombe si l'on arrache le clou ; il oscille si le clou remue il se troue, il se déchire si la tête du clou est trop pointue il ne s'ensuit pas que chaque détail du clou corresponde à un détail du vêtement, ni que le clou soit l'équivalent du vêtement ; encore moins s'ensuit-il que le clou et le vêtement soient la même chose. Ainsi, la conscience est incontestablement accrochée à un cerveau mais il ne résulte nullement de là que le cerveau dessine tout le détail de la conscience, ni que la conscience soit une fonction du cerveau. Tout ce que l'observation, l'expérience, et par conséquent la science nous permettent d'affirmer, c'est l'existence d'une certaine *relation* entre le cerveau et la conscience”.

<sup>23</sup> “[...] cerebral fact to be an appendix of the mental fact, the brain performing the function of translating into movements and, so to speak, into *gestures* what takes place in the mind”.

2012, p. 27, tradução nossa)<sup>24</sup>. Na mesma conferência de 1912, o filósofo discorre sobre alguém que fosse capaz de enxergar o interior de um cérebro em plena atividade; tal pessoa, provavelmente um cientista em laboratório, conheceria tão somente

[...] o que pode ser expresso em gestos, atitudes e movimentos corporais, o que o estado de espírito contém de ação em processo de realização, ou simplesmente nascendo: o resto lhe escapa. Em relação aos pensamentos e sentimentos que ocorrem no interior da consciência, ele estaria na posição do espectador que vê claramente tudo o que os atores fazem no palco, mas não ouve uma palavra do que eles dizem. Sem dúvida, os vaivéns dos atores, seus gestos e atitudes têm sua razão de ser na peça que estão interpretando; e se conhecemos o texto, podemos prever aproximadamente o gesto; mas o contrário não é verdadeiro, e o conhecimento dos gestos nos informa muito pouco sobre a peça, porque há muito mais em uma comédia fina do que os movimentos pelos quais ela é composta (BERGSON, 2011, p. 14, tradução nossa)<sup>25</sup>.

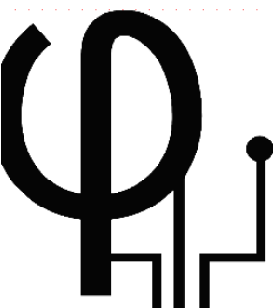
A vida consciente, portanto, ultrapassa o órgão cerebral, pois "[...] há infinitamente mais em uma consciência humana do que no cérebro correspondente" (BERGSON, 2011, p. 14, tradução nossa)<sup>26</sup>. A filosofia bergsoniana considera ainda que a vida consciente está intimamente ligada à memória, pois consciência significa memória: uma "[...] consciência que nada conservasse de seu passado, que incessantemente esquecesse de si mesma, pereceria e renasceria a cada instante" (BERGSON, 2009, p. 5). Nesse sentido, a matéria de nossa personalidade, além de compreender os estados afetivos presentes – sendo que as sensações orgânicas estão em primeiro lugar –, é também feita de lembranças de toda nossa existência passada, as quais são "[...] acrescentadas aos estados afetivos presentes para colorir e determinar nossa personalidade" (BERGSON, 1992, p. 286, tradução nossa)<sup>27</sup>. A memória, entendida como a "matéria intelectual" de nossa personalidade, é também indispensável para compreendermos a teoria da personalidade em Bergson. Numa conferência em Edimburgo, lemos o seguinte:

<sup>24</sup> “[...] recevoir des excitations, de monter des appareils moteurs, et de présenter le plus grand nombre possible de ces appareils à une excitation donnée”.

<sup>25</sup> “[...] ce qui est exprimable en gestes, attitudes et mouvements du corps, ce que l'état d'âme contient d'action en voie d'accomplissement, ou simplement naissante : le reste lui échapperait. Il serait, vis-à-vis des pensées et des sentiments qui se déroulent à l'intérieur de la conscience, dans la situation du spectateur qui voit distinctement tout ce que les acteurs font sur la scène, mais n'entend pas un mot de ce qu'ils disent. Sans doute, le va-et-vient des acteurs, leurs gestes et leurs attitudes, ont leur raison d'être dans la pièce qu'ils jouent ; et si nous connaissons le texte, nous pouvons prévoir à peu près le geste ; mais la réciproque n'est pas vraie, et la connaissance des gestes ne nous renseigne que fort peu sur la pièce, parce qu'il y a beaucoup plus dans une fine comédie que les mouvements par lesquels on la scande”.

<sup>26</sup> “[...] qu'il y a infiniment plus, dans une conscience humaine, que dans le cerveau correspondant”.

<sup>27</sup> “[...] s'ajoutent aux états affectifs présents pour colorer et déterminer notre personnalité”.



O que chamamos de nossa personalidade é uma certa continuidade de mudança; mas essa continuidade de mudança é indivisível; está tudo em uma única peça, durante toda a existência da consciência; e essa indivisibilidade constitui sua substancialidade. Nosso passado permanece continuamente presente para nós. Sem dúvida, em cada momento separado, representamos explicitamente apenas aquela parte do nosso passado que tem alguma conexão com nossa situação atual e que pode nos ajudar mais ou menos a agir. Mas é provável que todo o nosso passado seja preservado intacto (BERGSON, 1972, p. 1062, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Essa passagem ilustra muito bem algumas teses de *Matière et mémoire* e, principalmente de *L'évolution créatrice*. Também em uma passagem da conferência de 1912, Bergson diz o seguinte acerca da vida consciente:

[...] acredito firmemente que toda a nossa vida interior é algo como uma única frase iniciada desde o primeiro despertar da consciência, uma frase pontuada com vírgulas, mas em nenhum lugar cortada por pontos. E acredito, portanto, que todo o nosso passado está lá, subconsciente - quero dizer, presente para nós de tal maneira que nossa consciência, para ter a revelação disso, não precise sair de si mesma ou se unir a nada externo (BERGSON, 2011, pp. 28-29)<sup>29</sup>.

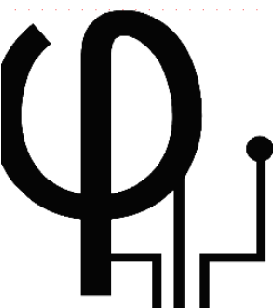
A partir de ambas as citações, podemos notar que a noção de personalidade, ao invés de ser reduzida às suas condições orgânicas, parece estar atrelada à duração interna e às suas características, sem se reduzir a elas. Conforme destaca Riquier, "[...] a pessoa que dura não se reduz à duração pura que ela descobre em suas profundezas" (RIQUIER, 2009, p. 458, tradução nossa)<sup>30</sup>. Essa aproximação pode ser vista desde o *Essai*, obra que indica que a "[...] concepção de personalidade como uma duração heterogênea e puramente qualitativa se manifesta pouco a pouco. A evolução da duração corresponde a uma evolução pessoal" (VERDEAU, 2011, p. 40, tradução nossa)<sup>31</sup>. Na medida em que a vida psicológica foi repensada à luz de um conceito-chave, a personalidade pôde ser relacionada com essa mudança que não cessa jamais, em que

<sup>28</sup> "What we call our personality is a certain continuity of change; but this continuity of change is indivisible; it is all in one piece, throughout the entire existence of consciousness; and this indivisibility constitutes its substantiality. Our past remains for us continually present. No doubt at each separate moment we picture explicitly only that part of our past which has some connection with our present situation, and which may help us more or less to act. But it is probable that the whole of our past is preserved intact".

<sup>29</sup> "[...] je crois bien que notre vie intérieure tout entière est quelque chose comme une phrase unique entamée dès le premier éveil de la conscience, phrase semée de virgules, mais nulle part coupée par des points. Et je crois par conséquent aussi que notre passé tout entier est là, subconscient - je veux dire présent à nous de telle manière que notre conscience, pour en avoir la révélation, n'ait pas besoin de sortir d'elle-même ni de rien s'adjoindre d'étranger".

<sup>30</sup> "[...] la personne qui dure ne se réduit pas à la durée pure qu'elle découvre dans ses profondeurs".

<sup>31</sup> "[...] conception de la personnalité comme durée hétérogène et purement qualitative se manifeste peu à peu. L'évolution de la durée correspond à une évolution personnelle".



cada um de seus momentos é algo novo que se junta aos anteriores, criando assim algo imprevisível, ou seja, uma novidade.

Com o intuito de apreender a personalidade adequadamente, Bergson não parte dos fenômenos mais elementares da vida, tal como Ribot defende, mas da experiência acumulada em forma de passado. Esse passado, por sua vez, é uma condição fundamental para pensá-la, o que faz com que as outras dimensões temporais, como o presente e o futuro, também sejam dependentes, em certa medida, dessa acumulação ininterrupta. Daí que o filósofo define a pessoa como um "[...] movimento contínuo adiante, reunindo o passado inteiro e criando o futuro" (BERGSON, 1972, p. 1065, tradução nossa)<sup>32</sup>. Portanto, nota-se que o passado é um elemento fundamental para pensar a natureza da personalidade, pois aquilo que "[...] eu sou é em grande parte o que eu fui" (BERGSON, 1992, p. 286, tradução nossa)<sup>33</sup>.

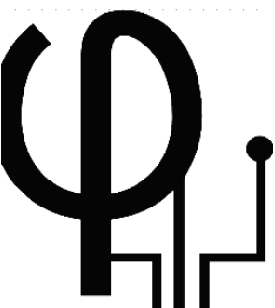
Bergson argumenta que o passado é conservado em si mesmo, acompanhando-nos desde a nossa primeira infância até o momento de nossa morte, permanecendo inclinado sobre o presente na maior parte das vezes como memória inconsciente. Em *Matière et mémoire*, livro em que há um esforço para compreender como a conservação do passado se dá, lê-se que ele se conserva em nossa memória sob duas formas distintas: 1) *nos mecanismos motores* e 2) *em lembranças independentes*. No segundo capítulo do livro, Bergson expõe as especificidades de cada uma dessas memórias, tarefa que se realiza a partir de uma releitura dos dados experimentais oriundos da psicologia científica dominante de sua época. Em um movimento crítico com tal disciplina, o filósofo procura apontar seus equívocos e repará-los, propondo uma teoria da memória pensada tanto no campo da experiência normal quanto patológica. Busca-se aproximar dois tipos de conhecimento frequentemente separados: psicologia (ciência) e metafísica (filosofia). Bergson considera ambas num tom de reciprocidade, alegando que elas podem trabalhar juntas, uma vez que compartilham o mesmo objeto, a memória.:

[...] julgamos que cada uma dessas duas ciências [metafísica e psicologia] deve colocar problemas à outra e é capaz, em certa medida, de ajudar a resolvê-los. Como poderia ser diferente, se a psicologia tem por objeto o estudo do espírito humano enquanto funcionando útilmente para a prática, e se a metafísica é esse mesmo espírito humano esforçando-se para desprender das condições da ação útil e para assumir-se como pura energia criadora? (BERGSON, 2012, p. 08, tradução nossa)<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> “[...] continual forward movement, gathering up the entire past and creating the future”.

<sup>33</sup> “[...] je suis est en grande partie ce que j’ai été”.

<sup>34</sup> “[...] nous estimons que chacune de ces deux sciences doit poser des problèmes à l’autre et peut, dans une certaine mesure, l’aider à les résoudre. Comment en serait-il autrement, si la psychologie a pour objet l’étude de l’esprit humain en tant que fonctionnant utilement pour la pratique, et si la métaphysique n’est que ce même esprit humain faisant effort pour s’affranchir des conditions de l’action utile et pour se ressaisir comme pure énergie créatrice ?”.



A metafísica pode se beneficiar dos resultados obtidos pela ciência, sobretudo da ciência psíquica, embora, antes de tudo, seja necessário repensar seus procedimentos. Bergson a vê como problemática, uma vez que ela descreve a dinâmica do psíquico de modo infiel. Os psicólogos agarram-se à lembrança como hábito contraído, como uma impressão que se agrava cada vez mais profundamente à medida que se repete, e por isso se esquecem de que “[...] a imensa maioria de nossas lembranças tem por objeto os acontecimentos e detalhes de nossa vida, cuja essência é ter uma data e, conseqüentemente, não se reproduzir jamais” (BERGSON, 2012, p. 88, tradução nossa)<sup>35</sup>. A distinção entre as duas memórias proposta por Bergson surge através do exemplo da lição aprendida, da memorização de um texto. Em linhas gerais, há duas maneiras de lembrar uma lição aprendida. Podemos lembrar de uma lição enquanto aprendida de cor e, nesse caso, lembramos de um texto de maneira automática, pois esse tipo de lembrança tem as mesmas características de um hábito, sendo “[...] adquirida pela repetição de um mesmo esforço” (BERGSON, 2012, p. 84, tradução nossa)<sup>36</sup>. Esse tipo de lembrança não diz respeito a uma representação, mas sim a uma ação: a lembrança é “vivida” e “agida” por nós. Mas também há as lembranças das leituras realizadas, isto é, a lembrança de uma leitura “particular” que não tem nenhuma das características do hábito, que é como um “[...] acontecimento de minha vida; contém, por essência, uma data e, conseqüentemente, não pode repetir-se” (BERGSON, 2012, p. 84, tradução nossa)<sup>37</sup>. Diferentemente da lembrança adquirida por hábito, a lembrança de determinada leitura diz respeito a “[...] uma intuição do espírito que posso, ao meu critério, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma só vez” (BERGSON, 2012, p. 85, tradução nossa)<sup>38</sup>.

Segundo Bergson, a psicologia se interessa pelas lembranças adquiridas por hábito, isto é, pelas lembranças aprendidas que são, na verdade, “[...] o hábito esclarecido pela memória do que a memória propriamente” (BERGSON, 2012, p. 89, tradução nossa)<sup>39</sup>. Se a psicologia estuda o espírito humano “funcionando útilmente para a prática”, como o filósofo afirma, ocorre que ela acaba por confundir a lembrança com o mecanismo motor montado no corpo, o que significa dizer que ela considera apenas sua parte fisiológica. Boa parte da psicologia do século

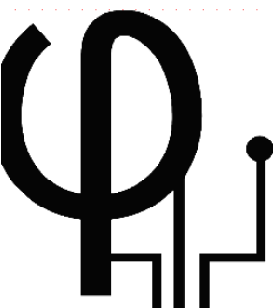
<sup>35</sup> “[...] l’immense majorité de nos souvenirs portent sur les événements et détails de notre vie, dont l’essence est d’avoir une date et par conséquent de ne se reproduire jamais”.

<sup>36</sup> “[...] s’acquiert par la répétition d’un même effort”.

<sup>37</sup> “[...] un événement de ma vie ; il a pour essence de porter une date, et de ne pouvoir par conséquent se répéter”.

<sup>38</sup> “[...] dans une intuition de l’esprit que je puis, à mon gré, allonger ou raccourcir ; je lui assigne une durée arbitraire : rien ne m’empêche de l’embrasser tout d’un coup”.

<sup>39</sup> “[...] est l’habitude éclairée par la mémoire plutôt que la mémoire même”.



XIX considerava que as lembranças eram alojadas no corpo, e o cérebro era um arquivo de lembranças, uma gaveta de onde elas podiam ser retiradas e, conseqüentemente, observadas.

A filosofia de Bergson, ao reler os dados da ciência psíquica e repensar o papel do cérebro em relação à memória, reconhece-o como sendo apenas um órgão de ação. As lembranças não podem ser armazenadas nele, de modo que ele não serve “[...] para conservar o passado, mas primeiro para encobri-lo e depois para deixar transparecer dele o que é útil na prática” (BERGSON, 2011, p. 29, tradução nossa)<sup>40</sup>. Onde, então, as lembranças se conservam? Segundo o filósofo, não se pode falar em "onde" quando não se trata mais de considerar o corpo. "Clichês fotográficos conservam-se numa caixa, discos fonográficos nos compartimentos de uma estante; mas por que lembranças, que não são coisas visíveis e tangíveis, precisam de um recipiente e como poderiam ter um?" (BERGSON, 2011, p. 27, tradução nossa)<sup>41</sup>. Ora, é evidente que Bergson leva em conta a dimensão fisiológica da memória, embora tal dimensão seja apenas a do esquema motor, aquele que possibilita inserir as lembranças numa ação, isto é, que possibilita o passado retornar através de dimensões corpóreas. Sua insistência é sobre a "memória por excelência", aquela que diz respeito ao espírito, portanto independente do cérebro.

A concepção de Bergson difere daquela proposta por Ribot. Para esse autor, a questão da memória aparece principalmente em *Les maladies de la mémoire*, outra parte da trilogia escrita sobre doenças psicológicas. Nessa obra, investiga-se a memória a partir de dois pontos de vista: fisiológico e psicológico. O primeiro capítulo do livro enuncia uma tese importante, fundamental para delimitar a diferença entre ambos os autores em questão: “[...] a memória é, por essência, um fato biológico; por acidente, um fato psicológico” (RIBOT, 1906, p. 01, tradução nossa)<sup>42</sup>. A noção de memória em Ribot compreende três aspectos que são colocados em ordem hierárquica: “[...] a conservação de certos estados, sua reprodução e sua localização no passado. [...] os dois primeiros são necessários, indispensáveis; o terceiro, que na linguagem da escola chamamos de ‘reconhecimento’, completa a memória, mas não a constitui” (RIBOT, 1906, p. 02, tradução nossa)<sup>43</sup>. Para Worms (1997), Bergson parece inverter a prioridade estabelecida por Ribot entre os critérios da memória. De acordo com o comentador,

<sup>40</sup> “[...] à conserver le passé, mais à le masquer d'abord, puis à en laisser transparaître ce qui est pratiquement utile”.

<sup>41</sup> “Des clichés photographiques se conservent dans une boîte, des disques phonographiques dans des casiers ; mais pourquoi des souvenirs, qui ne sont pas des choses visibles et tangibles, auraient-ils besoin d'un contenant, et comment pourraient-ils en avoir ?”.

<sup>42</sup> “[...] la mémoire est, par essence, un fait biologique ; par accident, un fait psychologique”.

<sup>43</sup> “[...] la conservation de certains états, leur reproduction, leur localisation dans le passé. [...] les deux premiers sont nécessaires, indispensables; le troisième, celui que dans le langage de l'école on appelle la ‘reconnaissance’, achève la mémoire, mais ne la constitue pas”.

conservação e reprodução são puramente biológicos, enquanto a localização no passado é uma construção psicológica.

[...] pressupõe a consciência e é de certa forma o ‘luxo’ da memória humana, desnecessária, no entanto, para a constituição da memória propriamente dita (humana), para a qual o corpo é suficiente. Mesmo que Bergson atribua uma parte fundamental à conservação e reprodução biológica do passado, a verdadeira memória, ou por excelência, pressupõe para ele um sentimento consciente, para o qual, além disso, recusando-se a falar simplesmente de localização no tempo, ele renova o uso do termo *reconhecimento* (WORMS, 1997, p. 106, tradução nossa)<sup>44</sup>.

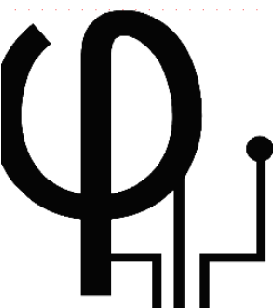
Para Ribot, a memória é pensada segundo sua concepção fisiológica, de modo que ela não está “[...] segundo a expressão vaga da linguagem comum, ‘na alma’: ela é fixada no seu local de nascimento, em uma parte do sistema nervoso” (RIBOT, 1906, p. 11, tradução nossa)<sup>45</sup>. Nada é mais estranho ao pensamento bergsoniano do que a tese localizacionista, uma vez que ele defende a independência da memória em relação ao corpo. Aqueles que afirmam a localização cerebral das lembranças acreditam que uma lesão no cérebro pode ocasionar a perda definitiva da lembrança. Em Bergson, a tese localizacionista é fortemente rejeitada a partir do exame da própria experiência: uma lesão no órgão cerebral pode levar ao bloqueio da lembrança, mas a “[...] pretensa destruição das lembranças pelas lesões cerebrais é apenas uma interrupção do progresso contínuo pelo qual a lembrança se atualiza” (BERGSON, 2012, p. 140, tradução nossa)<sup>46</sup>. Seguramente, é importante que a base orgânica esteja em bom estado, isto é, a base física da personalidade, pois seu desarranjo implica na impossibilidade da lembrança ser atualizada, isto é, do passado ser recuperado. Mas dessa relação não é possível reduzir a memória ao corpo, isto é, fazer do cérebro um órgão capaz de conservá-la. A partir de sua posição contra o localizacionismo, podemos compreender que em Bergson o adoecimento é sempre do corpo e não do espírito. A patologia não é psicológica ou mental, “[...] é sempre biológica ou *cerebral*” (WORMS, 1997, p. 108, tradução nossa)<sup>47</sup>. As patologias da memória, por sua vez, revelam sempre um desarranjo do cérebro, enfim, uma modificação fisiológica que

<sup>44</sup> “[...] suppose la conscience et est en quelque sorte le ‘luxe’ de la mémoire humaine, inutile cependant à la constitution de la mémoire proprement dite (même humaine) pour laquelle le corps suffit. Or, même si Bergson assigne une part fondamentale à la conservation et à la reproduction biologiques du passé, la ‘mémoire vraie’, ou ‘par excellence’ suppose pour lui un *sentiment* conscient, pour lequel d’ailleurs, refusant de simplement parler de localisation dans le temps, il renouvelle l’emploi du terme de *reconnaissance*”.

<sup>45</sup> “[...] suivant l’expression vague de la langue courante, ‘dans l’âme’: il est fixé à son lieu de naissance, dans une partie du système nerveux”.

<sup>46</sup> “[...] prétendue destruction des souvenirs par les lésions cérébrales n’est qu’une interruption du progrès continu par lequel le souvenir s’actualise”.

<sup>47</sup> “[...] il est toujours biologique ou *cérébral*”.



não a atinge especificamente, já que há uma dimensão independente do físico, por assim dizer. Sendo assim, significa dizer que a lembrança é entendida como algo irreduzível ao cérebro, sendo de uma realidade de outra ordem: uma realidade espiritual, virtual.

Daí Bergson considerar o caráter de uma pessoa a partir da acumulação de experiências passadas, pensando-o, assim, de forma diferente de Ribot. Para Bergson, o caráter não é descrito a partir de condições orgânicas, mas unicamente da acumulação incessante do passado, da história singular de alguém que permanece essencialmente inconsciente, virtual, pronta para ser atualizada a qualquer momento, conforme os mecanismos do corpo a auxiliem. Sendo assim, o caráter é definido em *Matière et mémoire* como a “[...] síntese atual de todos os nossos estados passados” (BERGSON, 2012, p. 162, tradução nossa)<sup>48</sup>, estados que permanecem conservados ininterruptamente. Já em *L’évolution créatrice*, o caráter aparece como “[...] a condensação da história que vivemos desde o nosso nascimento, até antes de termos nascido, já que trazemos conosco disposições pré-natais” (BERGSON, 2016, p. 05, tradução nossa)<sup>49</sup>. As teses sobre o passado e o caráter foram construídas desde o *Essai*, passando sobretudo por *Matière et mémoire*. A própria ideia de duração também é definida nesse mesmo sentido, ou seja, tributária de uma acumulação: “[...] é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e que incha avançando” (BERGSON, 2016, p. 04, tradução nossa)<sup>50</sup>.

A importância do passado, enquanto categoria metafísica, pode ser percebida quando Bergson fala da formação do caráter e da personalidade. Seu peso pode ser sentido desde as disposições pré-natais, uma vez que ele começa a se acumular em nós antes mesmo do nosso nascimento e da formação efetiva de nosso caráter. Uma vez que o caráter é identificado com a condensação da história que vivemos, isso significa que nossos sentimentos, paixões, alguns aspectos morais, etc., fazem parte de um passado pensado ontologicamente por Bergson. Segundo Frezzati Jr., Ribot, por sua vez, “[...] conclui pela transmissão hereditária de vários aspectos considerados psicológicos: instintos, paixões, sede, fome, apetite sexual, perversões morais (avareza, roubo, homicídio, etc.), loucura, vontade, caráter nacional” (FREZZATI JR., 2018, p. 07). Com efeito, a hereditariedade acompanha o princípio fisiológico que rege toda a psicologia de Ribot, sendo que as coisas permanecem existindo graças à hereditariedade (2018). Enquanto para Bergson as “disposições pré-natais” estão ligadas à conservação ininterrupta do passado, para Ribot a hereditariedade, que explicita parte do caráter, corresponde a uma lei

<sup>48</sup> “[...] synthèse actuelle de tous nos états passés”.

<sup>49</sup> “[...] la condensation de l'histoire que nous avons vécue depuis notre naissance, avant notre naissance même, puisque nous apportons avec nous des dispositions prénatales”.

<sup>50</sup> “[...] est le progrès continu du passé qui ronge l'avenir et qui gonfle en avançant”.



biológica. Segundo Serge Nicolas, se para Ribot "[...] a vida psicológica não é outra coisa senão uma forma de atividade vital, certamente deve estar rigorosamente sujeita às leis desta atividade; a hereditariedade deve se estender a todas as funções do organismo, à sua estrutura interna e externa" (NICOLAS, 1999, p. 310, tradução nossa)<sup>51</sup>.

Da constatação de que o passado sobrevive em nós, acompanhando-nos desde antes de nascermos, uma consequência fundamental se impõe, a saber, a

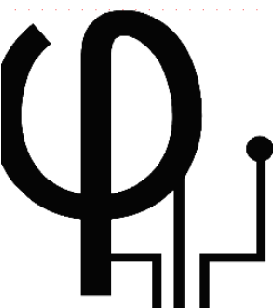
[...] impossibilidade de uma consciência passar duas vezes pelo mesmo estado. As circunstâncias podem ser as mesmas, mas já não será a mesma pessoa sobre a qual elas agem, porque a alcançam em um novo momento de sua história. A nossa personalidade, que se constrói a cada momento com a experiência acumulada, muda sem cessar. E, mudando, impede que um estado, embora idêntico a si próprio na superfície, se repita jamais em profundidade (BERGSON, 2016, pp. 05-06)<sup>52</sup>.

Afirmar que nossa personalidade se constrói com a experiência acumulada, que muda em profundidade porque os estados mudam qualitativamente, significa reconhecer que os estados psicológicos são responsáveis por constituí-la. De acordo com uma observação de Camille Riquier, “[...] não é porque somos uma pessoa que temos os estados de consciência, é porque esses tendem, em virtude de sua duração, a agregar outros que uma personalidade é formada” (RIQUIER, 2009, p. 462, tradução nossa)<sup>53</sup>. São esses estados acumulados que, na concepção de Bergson, conferem individualidade psíquica a cada pessoa, e não suas condições orgânicas, como defendia a psicologia de Ribot. Não há uma redução dos estados de consciência à atividade cerebral, porque a vida consciente ultrapassa a dimensão do corpo. A duração psicológica é uma das condições essenciais da personalidade, o que implica dizer que a pessoa não é meramente o resultado de todos os estados de seu corpo. A personalidade, desde o início da filosofia de Bergson, é pensada a partir dos estados psicológicos, da consciência que não se reduz ao corpo, enfim, pela interioridade que foi repensada pelo filósofo. Isto significa, segundo Saïd Chebili (2008), a predominância do ponto de vista psicológico sobre a personalidade, sendo o psicológico algo que vai além da base física.

<sup>51</sup> “[...] vie psychologique n'est pas autre chose qu'une forme de l'activité vitale, assurément elle doit en subir rigoureusement les lois ; l'hérité doit s'étendre à toutes les fonctions de l'organisme, à sa structure interne et externe”.

<sup>52</sup> “[...] l'impossibilité, pour une conscience, de traverser deux fois le même état. Les circonstances ont beau être les mêmes, ce n'est plus sur la même personne qu'elles agissent, puisqu'elles la prennent à un nouveau moment de son histoire. Notre personnalité, qui se bâtit à chaque instant avec de l'expérience accumulée, change sans cesse. En changeant, elle empêche un état, fût-il identique à lui-même en surface, de se répéter jamais en profondeur”.

<sup>53</sup> “[...] ce n'est pas parce que nous sommes une personne que nous avons des états de conscience ;c'est parce que ceux-ci tendent en vertu de leur durée à s'en agréger d'autres que se forme une personnalité”.



Vale notar o esforço que Bergson faz para apreender a duração adequadamente, o que parece ser o mesmo em relação à pessoa. A apreensão adequada da duração pressupõe a recusa dos esquemas espaciais, dado que eles comprometem sua verdadeira natureza. Nesse sentido, a apreensão da duração também supõe a recusa de uma redução completa da memória ao âmbito corporal. Desde a inauguração de sua filosofia, Bergson denunciou a confusão entre espaço e duração (ou tempo). A mistura entre ambos foi a fonte dos principais problemas da filosofia ao longo de sua história, e a sua distinção adequada e a investigação sobre o modo pelo qual eles se reintegram no humano são um dos principais objetivos da filosofia de Bergson<sup>54</sup>. A confusão entre espaço e duração aparece arrolada nas discussões sobre a vida psicológica, sendo que seu esclarecimento possibilita uma melhor compreensão da verdadeira natureza da consciência, dando indicações sobre a apreensão adequada da personalidade. No texto de 1889, Bergson declara que “[...] a vida consciente se apresenta sob um duplo aspecto, caso a percebamos diretamente ou por refração através do espaço” (BERGSON, 2018, p. 102, tradução nossa)<sup>55</sup>. Ou seja, podemos perceber uma sucessão contínua de estados heterogêneos que se penetram e se fundem uns aos outros ou podemos percebê-los simultaneamente através de um esquema espacial, portanto, justapostos. Podemos viver os estados como mudança qualitativa ou podemos representá-los no espaço, podendo até mesmo mensurá-los.

Na ideia de duração, não está implícita a passagem de um momento para o outro, como se esses momentos se repetissem, pois isso seria afirmar que só há presente, ou seja, um presente que sucede a um presente sempre idêntico. Ao contrário, a noção de duração em Bergson implica a retenção do passado no presente, uma preservação do passado que forma uma nova totalidade, desta vez qualitativamente distinta da anterior. Isso significa entendê-la como uma “[...] criação contínua, um jorro ininterrupto de novidade” (BERGSON, 2018a, p. 09, tradução nossa)<sup>56</sup>. Portanto, quando representamos os estados de consciência no espaço e os elementos da personalidade são vistos através de um quadro espacial, o resultado é apenas uma dificuldade em descrever aquilo que realmente a constitui. O passado, a consciência e a interioridade são elementos fundamentais para Bergson estabelecer sua teoria da personalidade. Essa teoria se constrói na medida em que algumas teses da psicologia são repensadas.

<sup>54</sup> A primeira parte da Introdução do texto *La pensée et le mouvant* é essencial para compreendermos esse movimento. Para tanto, cf. BERGSON, H. *La pensée et le mouvant*. Paris: PUF, 2018a. (Édition critique), p. 1-14. Sobre essa distinção entre espaço e duração como problema da filosofia de Bergson, Frédéric Worms a explora num trabalho que recomendamos vivamente. Cf. WORMS, F. *Bergson ou os Dois Sentidos da Vida*. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

<sup>55</sup> “[...] la vie consciente se présente sous un double aspect, selon qu'on l'aperçoit directement ou par réfraction à travers l'espace”.

<sup>56</sup> “[...] création continue, jaillissement ininterrompu de nouveauté”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

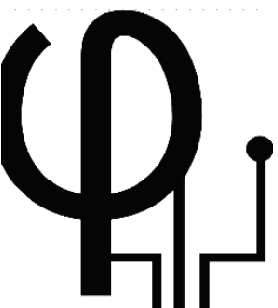
Seguramente, Ribot e Bergson são dois autores que problematizam a noção de personalidade. Ambos foram importantes para a psicologia francesa do século XX, embora tenham abordagens diferentes. O primeiro, a partir de um ponto de vista fisiológico, buscou estabelecer uma psicologia que recusasse a metafísica tradicional. A personalidade, nesse sentido, foi analisada sob a ótica de suas condições orgânicas. O segundo, por outro lado, endereçou diversas críticas à psicologia científica, embora tenha afirmado que a metafísica pode ser sua aliada. A investigação sobre a personalidade humana, desse modo, deve passar pelo alcance da metafísica. Mas as duas teorias são radicalmente distintas?

Mesmo que alguns aspectos de suas abordagens sejam diferentes, os dois pensadores não parecem ser totalmente opostos, segundo a leitura de Ben-Ami Scharfstein. Em seu livro de comentário sobre a filosofia de Bergson, *Roots of Bergson's Philosophy*, lemos que há algumas indicações para supor que Ribot não seria totalmente oposto à filosofia bergsoniana. O primeiro ponto a ser destacado diz respeito à noção de processo, a qual se encontra na psicologia de Ribot. Segundo assinala Scharfstein (1943), tal teoria supõe uma espécie de influência da filosofia de Heráclito, cuja tese central defende a mudança como princípio contínuo para explicar a realidade. Outros pontos em comum dizem respeito às diversas menções que Bergson faz ao nome de Ribot ao longo de *Matière et mémoire*. Mesmo que o filósofo francês não aceite a redução da memória ao corpo, tal como faz o psicólogo, ainda assim há algumas concordâncias por parte de Bergson, como Scharfstein nos mostra<sup>57</sup>. Sendo assim, a marca mais distintiva entre ambos os pensadores está na defesa que Bergson faz da memória pura, âmbito ontológico que só pode ser explorado por uma metafísica renovada; com efeito, tal dimensão pode ser considerada o estofamento metafísico da personalidade humana, o que Ribot não defende, por exemplo, em sua psicologia experimental.

Há alguns pontos em comum entre Bergson e Ribot, mas isto não parece ser suficiente para aproximar ambos os autores. Ribot defende que o método tradicional da psicologia metafísica, qual seja, a observação interior (introspecção), não deve ser o único método de investigação da psicologia. Conforme nota Frezzati Jr, Ribot não aceita que “[...] a psicologia seja exclusivamente baseada nesse método, como ocorria com os espiritualistas” (FREZZATI JR., 2020, p. 24). Bergson, por sua vez, estabelece sua “psicologia metafísica” a partir de uma observação interior, a qual será fundamentada por seu método intuitivo. Desse modo, as

<sup>57</sup> Cf. SCHARFSTEIN, B. *Roots of Bergson's Philosophy*. New York: Columbia University, 1943, p. 64.

convergências entre os dois autores são pontuais, sendo que ambos partem de princípios diferentes. Se Ribot acredita que a análise da consciência é importante para estabelecer um conhecimento sobre a personalidade, a explicação de sua origem parte de outro fundamento, o qual é totalmente oposto ao de Bergson.



## REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. *Essair sur les donnés immédiates de la conscience*. Paris: PUF, 2018. (Édition critique).
- BERGSON, H. *Matière et mémoire*. Paris: PUF, 2012. (Édition critique).
- BERGSON, H. *La pensée et le mouvant*. Paris: PUF, 2018a. (Édition critique).
- BERGSON, H. *Mélanges*. Paris: PUF, 1972.
- BERGSON, H. *L'évolution créatrice*. Paris: PUF, 2016. (Édition critique).
- BERGSON, H. *A energia espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BERGSON, H. *L'âme et le corps*. Paris: PUF, 2011. (Édition critique).
- BERGSON, H. *Cours, tome II: Leçons d'esthétique. Leçons de morale. Leçons de psychologie et métaphysique*. Paris: PUF, 1992
- CANGUILHEM, Georges. O que é a psicologia? *Revista Impulso*, Piracicaba, v. 11, n. 26, p. 11-26, 1999.
- CHEBILI, Saïd. La personnalité: un abord philosophique. *L'information psychiatrique*, v. 84, n. 3, p. 213-218, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1684/ipe.2008.0308>.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999
- FREZZATTI JR., Wilson Antonio. A função da psicologia em Théodule Ribot e Nietzsche. In: RIBOT, T. *As doenças da personalidade*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.
- FREZZATTI JR., Wilson Antonio. Théodule Ribot: a liberdade em face da hereditariedade e da memória. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 40, n. 1, p. 1-12, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v40i1.37999>.
- GUILLIN, Vicent. Théodule Ribot's ambiguous positivism: philosophical and epistemological strategies in the founding of french scientific psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 40, n. 2, p. 165–181, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1002/jhbs.20002>.
- NICOLAS, Serge. L'hérité psychologique d'après Théodule Ribot (1873): la première thèse française de psychologie "scientifique". *L'année psychologique*, v. 99, n. 2, p. 295-348, 1999.
- RIBOT, T. *As doenças da personalidade*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.
- RIBOT, T. *La psychologie anglaise contemporaine*. Paris, Ladrance, 1870.
- RIBOT, T. *La psychologie allemande contemporaine (école expérimentale)*. Paris: Librairie Germer Baillière, 1879.
- RIBOT, T. *Les maladies de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1906.
- RIBOT, T. *La psychologie des sentiments*. Paris: Félix Alcan, 1896.
- RIQUIER, Camille. *Archéologie de Bergson: temps et métaphysique*. PUF: Paris, 2009.
- SCHARFSTEIN, Ben-Ami. *Roots of Bergson's Philosophy*. New York: Columbia University, 1943.
- TISON-BRAUN, Micheline. Conception bergsonienne de la personnalité. In: *L'introuvable origine*. Le problème de la personnalité au seuil du XXe siècle. Flaubert, Mallarmé, Rimbaud, Valéry, Bergson, Claudel, Gide, Proust, Geève : Droz, coll. "Histoire des idées et critique littéraire", 1981, p. 139-158.
- VERDEAU, Patricia. *La personnalité au centre de la pensée bergsonienne*. Paris: Éditions de l'institut supérieur de philosophie, 2011.
- WORMS, F. *Bergson ou os Dois Sentidos da Vida*. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.
- WORMS, F. *Le vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses, 2000.
- WORMS, F. *Introduction à Matière et mémoire*. Paris: PUF, 1997.

